



BOLETIM

GEOCORRENTE

ANO 5 • Nº 101 • 05 DE SETEMBRO DE 2019

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Ademais, algumas edições contam com a seção “Temas Especiais”.

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporciona uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 350 palavras ao processo avaliativo por pares.

Os textos contidos neste Boletim são de responsabilidade única dos autores, não retratando a opinião oficial da EGN ou da Marinha do Brasil.

CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.

Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca - CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil

TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Esta e as demais edições do BOLETIM GEOCORRENTE poderão ser encontrados na home page da EGN:

https://www.marinha.mil.br/egn/boletim_geocorrente



DIRETOR DA ESCOLA DE GUERRA NAVAL

EDGAR LUIZ SIQUEIRA BARBOSA

**SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS
GRADUAÇÃO DA ESCOLA DE GUERRA NAVAL**

MARCIO MAGNO DE FARIAS FRANCO E SILVA

CONSELHO EDITORIAL

EDITOR RESPONSÁVEL

LEONARDO FARIA DE MATTOS (EGN)

EDITOR CIENTÍFICO

FRANCISCO EDUARDO ALVES DE ALMEIDA (EGN)

EDITORES ADJUNTOS

JANSEN COLI CALIL NASCIMENTO ALMEIDA DE OLIVEIRA (EGN)

JÉSSICA GERMANO DE LIMA SILVA (EGN)

NOELE DE FREITAS PEIGO (FACAMP)

PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (UFRJ)

PEQUISADORES DO NÚCLEO DE AVALIAÇÃO DA CONJUNTURA

ÁFRICA SUBSAARIANA

DAVID SEVERO PEREIRA FRANÇA PINTO (UERJ)

FRANCO NAPOLEÃO AGUIAR DE ALENCASTRO GUIMARÃES (PUC-RIO)

JOÃO VICTOR MARQUES CARDOSO (UNIRIO)

VIVIAN DE MATTOS MARCIANO (UFRJ)

AMÉRICA DO SUL

ADRIANA ESCOSTEGUY MEDRONHO (EHES)

BEATRIZ MENDES GARCIA FERREIRA (UFRJ)

CARLOS HENRIQUE FERREIRA DA SILVA JÚNIOR (UFRJ)

GABRIELA DE ASSUMPÇÃO NOGUEIRA (UFRJ)

JOÃO FELIPE DE ALMEIDA FERRAZ (UFRJ)

PEDRO EMILIANO KILSON FERREIRA (UNIVERSIDADE DE SANTIAGO)

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

ANA CLÁUDIA FERREIRA DA SILVA (UFRJ)

CAROLINA CÔRTEZ GÓIS (PUC-RIO)

JÉSSICA PIRES BARBOSA BARRETO (EGN)

VICTOR CABRAL RIBEIRO (UFRJ)

VICTOR EDUARDO KALIL GASPAR FILHO (EGN)

ÁRTICO & ANTÁRTICA

GABRIELE MARINA MOLINA HERNANDEZ (UFF)

LAILA NEVES LORENZON (UFRJ)

PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (UFRJ)

EUROPA

ARIANE DINALLI FRANCISCO (UNIVERSITÄT OSNABRÜCK)

DANIEL SANTOS KOSINSKI (UFRJ)

DOMINIQUE MARQUES DE SOUZA (UFRJ)

GLAYCE KEROLIN RODRIGUES MAXIMIANO (UFRJ)

MATHEUS SOUZA GALVES MENDES (EGN)

MELISSA ROSSI (SUFFOLK UNIVERSITY)

THAÏS ABYGAËLLE DEDEO (UNIVERSITÉ DE PARIS 3)

LESTE ASIÁTICO

ELY PEREIRA DA SILVA JÚNIOR (UERJ)

JOÃO PEDRO RIBEIRO GRILO CUQUEJO (IBMEC)

MARCELLE TORRES ALVES OKUNO (IBMEC)

PHILIPPE ALEXANDRE JUNQUEIRA (UERJ)

RODRIGO ABREU DE BARCELLOS RIBEIRO (UFRJ)

VINÍCIUS GUIMARÃES REIS GONÇALVES (UFRJ)

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

ALESSANDRA DANTAS BRITO (EGN)

ANA LUIZA COLARES CARNEIRO (UFRJ)

ANDRÉ FIGUEIREDO NUNES (ECEME)

SHAKILA DE SOUSA AHMAD (UFRJ)

TAYNARA RODRIGUES CUSTÓDIO (EGN)

RÚSSIA & Ex-URSS

JOSÉ GABRIEL DE MELO PIRES (UFRJ)

PEDRO MENDES MARTINS (ECEME)

PÉRSIO GLÓRIA DE PAULA (UFF)

SUDESTE ASIÁTICO

MATHEUS BRUNO FERREIRA ALVES PEREIRA (UFRJ)

THAYNÁ FERNANDES ALVES RIBEIRO (UFF)

VINÍCIUS DE ALMEIDA COSTA (EGN)

SUL DA ÁSIA

JOÃO MIGUEL VILLAS-BOAS BARCELLOS (UFRJ)

MARINA SOARES CORRÊA (UFRJ)

REBECA VITÓRIA ALVES LEITE (EGN)

TEMAS ESPECIAIS

BEATRIZ VICTÓRIA ALBUQUERQUE DA SILVA RAMOS (EGN)

LOUISE MARIE HUREL SILVA DIAS (LONDON SCHOOL OF ECONOMICS)

ÍNDICE

AMÉRICA DO SUL

Águas calmas para a Marinha venezuelana no período pós-sanções..... 4

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

EUA dá um passo em direção a sua Força Espacial 5
O fortalecimento das relações entre Cuba e Rússia 5

ÁFRICA SUBSAARIANA

Relação Japão-África: a sétima TICAD e a alternativa ao peso da China 6
Saiko - ameaça à economia e segurança alimentar de Gana..... 6

EUROPA

França lança o seu primeiro submarino nuclear de ataque da nova classe
Barracuda 7
Erdogan encontra Putin para discutir a guerra na Síria 7

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

A fragmentação da coalizão saudita frente às disputas por Áden..... 8
Israel intensifica suas ações contra os aliados do Irã 9
A importância estratégica do Canal de Suez..... 9

RÚSSIA & Ex-URSS

Os reflexos dos protestos em Moscou para o futuro da Rússia..... 10

LESTE ASIÁTICO

O aumento da capacidade de desembarque anfíbio da Marinha chinesa 10
Exercício militar sul-coreano nos Rochedos Liancourt 11

SUL DA ÁSIA

Diálogos para paz no Afeganistão 11

ÁRTICO & ANTÁRTICA

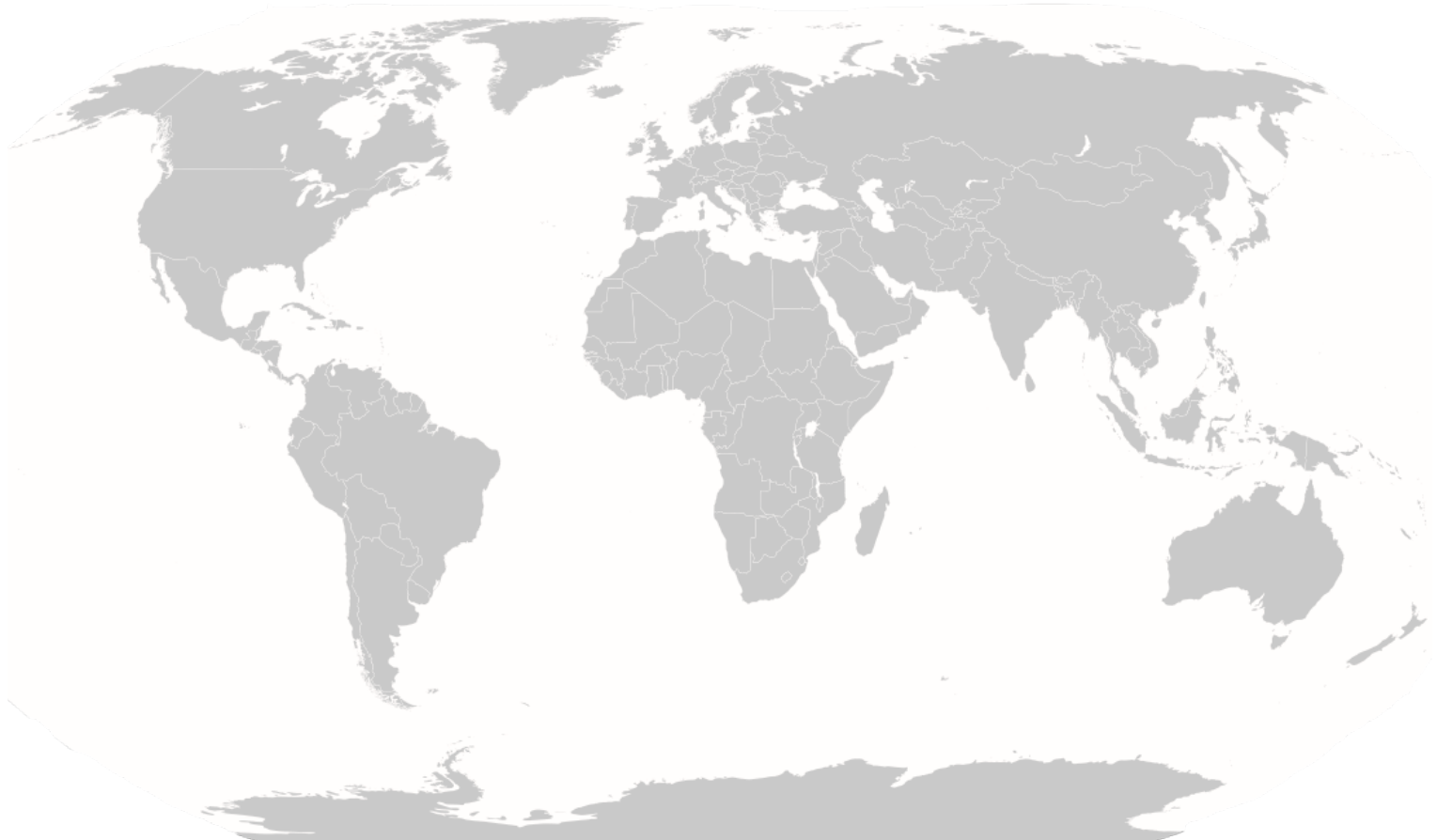
A Groenlândia e seu novo valor estratégico para a estratégia americana 12

Artigos Seleccionados & Notícias de Defesa..... 13

Calendário Geocorrente..... 13

Referências..... 14

REGIÕES ABORDADAS NESTA EDIÇÃO



Clique no círculo para ser redirecionado ao texto relacionado

Águas calmas para a Marinha venezuelana no período pós-sanções

Gabriela Nogueira

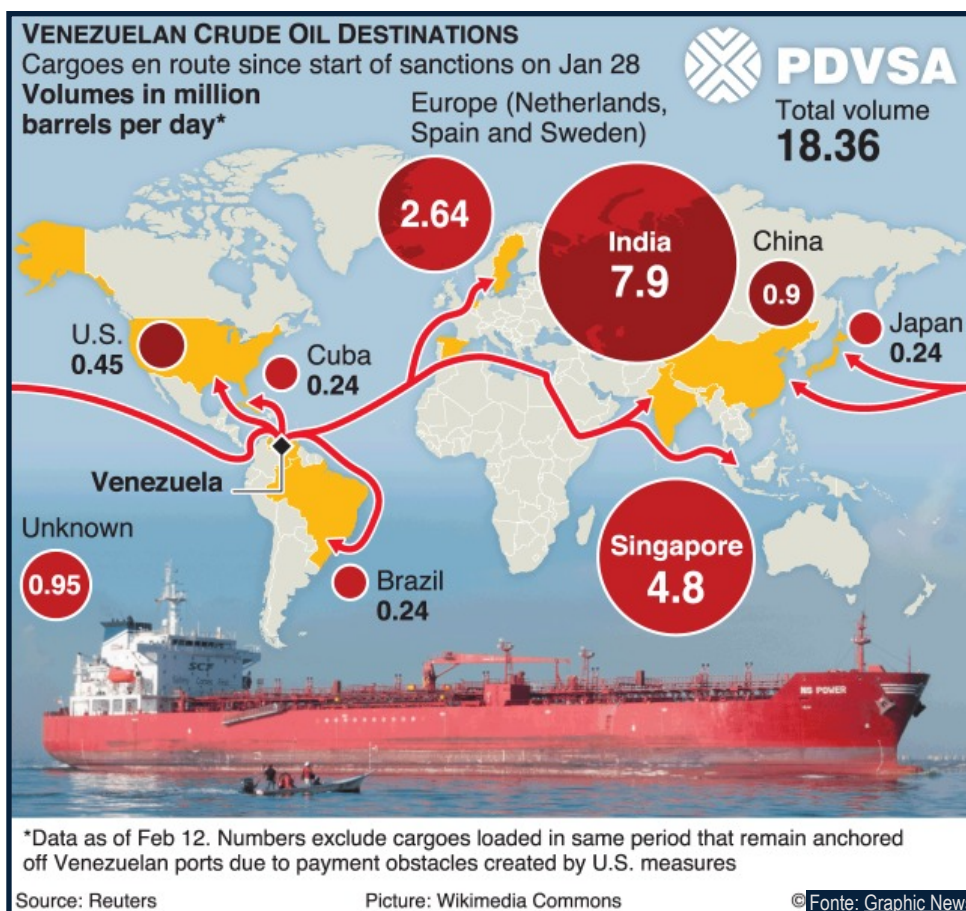
Passada uma semana do embargo total aplicado pela administração do presidente norte-americano, Donald Trump, ao governo de Nicolás Maduro, declarações do Panamá e acordo com Rússia minimizam tensões para a Marinha venezuelana. Na primeira quinzena de agosto de 2019, foi acordada uma cooperação bilateral entre Rússia e Venezuela, que garante o envio de navios de guerra de um país a outro. No mesmo período, o chefe da Autoridade do Canal do Panamá, Jorge Quijano, quando questionado sobre a medida norte-americana, garantiu que a Venezuela continuaria autorizada a transitar pelo Canal, evidenciando o tratado de neutralidade do qual o país é signatário.

Quanto ao acordo técnico-militar feito pelos ministros de Defesa de Moscou e Caracas, sua importância não apenas reforça o apoio a Maduro, mas também viabiliza a presença russa nos portos venezuelanos. Apenas um aviso prévio é suficiente como protocolo de visita aos portos das partes. Sendo a rota mais próxima da América do Sul para a Europa pelos seus portos continentais, a Venezuela conta ainda com mar territorial com vertente caribenha e atlântica, o que lhe reúne condições geopolíticas privilegiadas. Nesse sentido, as Forças Armadas russas conseguem ter maior poder de projeção, inclusive para o

Canal do Panamá e para os Estados Unidos da América (EUA).

Em relação ao posicionamento de Quijano sobre o Canal, a medida norte-americana não explicita que caberiam sanções a atores não-estadunidenses. Contudo, a previsão do bloqueio é de que qualquer entidade que faça negócios com o governo venezuelano está sujeita a punições, revelando o risco ao vínculo, ainda que comercial. Para a economia e a geopolítica venezuelanas, o canal proporciona, principalmente, o escoamento e o recebimento de mercadorias via Pacífico, além da comunicação com seus dois grandes aliados, China e Rússia.

Nesse sentido, tanto a continuação do fluxo no Canal, quanto o acordo com a Rússia são importantes bases para Maduro tentar oferecer alguma resposta à crise interna. Desde a última tentativa de mediação entre governo e oposição, promovida também no mês de agosto pela Noruega, Maduro suspendeu a ida de sua delegação, em resposta às sanções. Nessa conjuntura, as fissuras do tabuleiro político regional ficaram ainda mais expostas, e o aumento das pressões mostra que os mecanismos de diálogo parecem estar mais próximos de se exaurir.



EUA dá um passo em direção a sua Força Espacial

Jéssica Barreto

No dia 28 de agosto de 2019, o governo dos Estados Unidos da América (EUA) estabeleceu, oficialmente, o Comando do Espaço (SPACECOM, em inglês). Em evento no *Rose Garden*, o presidente Donald Trump se mostrou satisfeito com o avanço rumo a uma maior segurança dos recursos do país no espaço sideral, o novo Comando será chefiado pelo general John Raymond, que já liderava a organização ligada à Força Aérea relativa às questões do espaço, e terá como vice comandante o tenente-general James Dickinson, que liderou a área de defesa espacial e de mísseis do Exército desde 2017. Além disso, o novo Comando conta com uma equipe inicial de 287 membros e tem sua sede temporária no Colorado.

Desde 2017, Trump discursa sobre a necessidade de voltar esforços para esse novo domínio da guerra ([Boletim 57](#)), principalmente motivados pela possibilidade de a Rússia ou a China atingirem satélites americanos primordiais para seus meios militares, como caças e porta-aviões. O estabelecimento dessa unidade centralizada seria o primeiro passo no seu projeto de constituição do sexto ramo militar, o espacial, seguidos pela estruturação

dos combatentes e a criação de uma agência de pesquisa e inovação voltada para a área ([Boletim 79](#)). No início de 2019, o governo encaminhou para o Congresso a proposta de criação da Força Espacial, entretanto, muitas críticas foram levantadas, sendo as principais o aumento da burocracia e que os recursos seriam retirados de outras organizações.

Apesar do alvoroço em torno do tema, a criação de um Comando voltado para o espaço não é novidade na história do país, visto que o governo de Ronald Reagan já havia criado uma organização unificada para coordenar a atuação das suas Forças nesse âmbito. Entretanto, essa iniciativa foi dissolvida após os ataques de 11 de setembro de 2001, diante da necessidade de mover todos os recursos disponíveis para a guerra ao terror. Por fim, enquanto alguns apoiadores do governo como Newt Gingrich acreditam na necessidade de uma postura mais ofensiva do país, inclusive pensando na construção de bases militares no espaço, a maior parte dos especialistas se preocupa com a percepção dos aliados quanto a esse movimento militar estadunidense.

O fortalecimento das relações entre Cuba e Rússia

Ana Cláudia Ferreira

A união entre Cuba e Rússia se iniciou durante a vigência da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), consolidando-se durante o governo de Fidel Castro – aliado estratégico contra os Estados Unidos da América (EUA). Estremeceu com o fim da URSS, devido à reestruturação territorial que ocasionou o surgimento da Rússia, e com a moratória cubana à URSS pela assistência militar prestada na época. Contudo, reestruturou-se em 2008, quando a Rússia se reaproximou economicamente e, principalmente, em 2014, quando o presidente Vladimir Putin anulou 90% da dívida cubana. Desde 2017, a aliança entre os dois tem se fortalecido devido a reativação das sanções comerciais e econômicas de Donald Trump e de suas declarações contra o governo venezuelano de Nicolás Maduro ([Boletins 56 e 91](#)). Com isso, atualmente, percebe-se um esforço para fortalecer a relação por meio das cooperações militar e comercial.

Este cenário de aliança destaca o interesse russo em estabelecer uma maior cooperação naval com Cuba. Em junho de 2019, o Porto de Havana recebeu a visita de um grupo de quatro navios liderado pela nova fragata russa de múltiplo combate, *Almirante Gorshkov* ([Boletim 97](#)).

Os poucos dados disponibilizados à imprensa indicaram o desejo russo de instalar um complexo de manutenção para receber navios nacionais em operações navais, onde o Porto de Havana é considerado o local ideal.

Deve-se ressaltar a importância da Venezuela como parceira petrolífera dos dois países. Cuba é dependente energética desta aliança, porém observou que, com a crise política venezuelana, essa parceria estremeceu, visto que os repasses de petróleo à ilha caribenha reduziram-se em 55%. Assim, a Rússia tem retomado sua posição de principal aliada de Cuba, dado o aprofundamento da cooperação bilateral nos setores comercial e militar. Em 2018, as trocas comerciais, como por exemplo, no setor de transportes, alcançaram US\$ 350 milhões e, em 2019, a Rússia concedeu um empréstimo de US\$ 42,36 milhões para modernizar a indústria militar cubana.

Dessa forma, entende-se que a relação entre Cuba e Rússia deve ser acompanhada, já que a rivalidade do governo Trump pode acabar gerando mais sanções à ilha. Em paralelo, poderá fortalecer a cooperação russo-cubana ainda mais, causando impactos no cenário econômico-comercial regional.

Relação Japão-África: a sétima TICAD e a alternativa ao peso da China

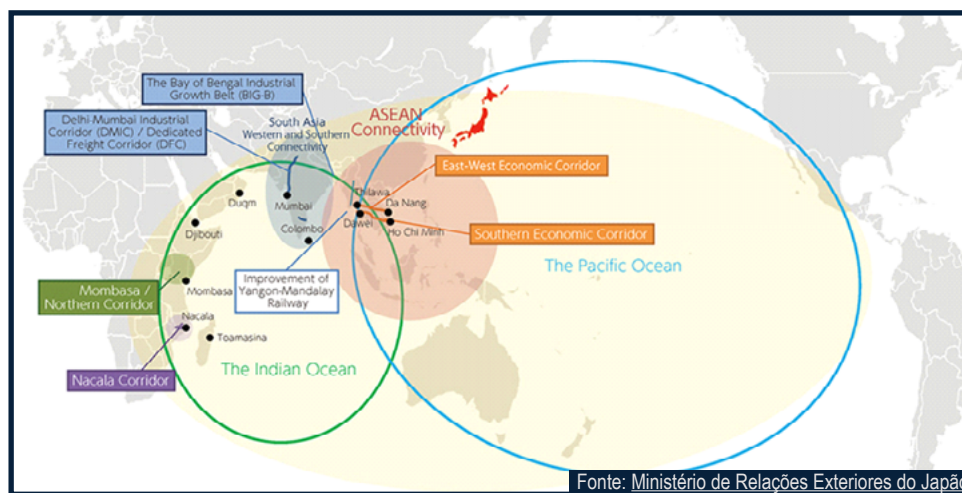
João Victor Marques Cardoso

Entre os dias 28 e 30 de agosto de 2019, a cidade japonesa de Yokohama sediou a sétima edição da Conferência Internacional de Tóquio sobre o Desenvolvimento Africano (TICAD, em inglês). Liderada pelo Japão, a VII TICAD foi prestigiada por 32 países africanos, 26 deles representados por chefes de Estado. Embora assuntos relevantes, como energia, alimentos, “infraestrutura de qualidade”, saúde e segurança financeira tenham sido abordados, temas geopolíticos tiveram destaque em conferências especiais sobre a paz e a estabilidade no Chifre da África e a cooperação no Oceano Índico Ocidental – espaços fundamentais para a projeção japonesa.

Criada em 1993, a TICAD foi um mecanismo pioneiro para a aproximação diplomática com a África, num momento em que o término da Guerra Fria havia marginalizado o continente dos assuntos estratégicos internacionais, repercutindo na boa reputação que, atualmente, Tóquio desfruta entre os africanos. Desde então, a tônica da cúpula tem privilegiado negócios privados em detrimento da tradicional ajuda oficial ao desenvolvimento – uma estratégia para se alterar a imagem japonesa de doador para parceiro e, em alguma medida, sinalizar assertivamente à China. Em 2018, o

volume comercial e os investimentos diretos entre China e África alcançaram US\$ 204 bilhões e US\$ 43 bilhões, respectivamente; Japão e África, por sua vez, alcançaram US\$ 17 bilhões e US\$ 9 bilhões. Assim, embora seja desproporcional competir com a China, o Japão enfatiza a qualidade de sua parceria, intencionalmente crítica ao endividamento crônico pelo qual muitos países africanos se vinculam a Pequim.

Para a África, um parceiro como o Japão é fundamental para ampliar ganhos à infraestrutura (investimentos no corredor logístico de Mombasa, no Quênia, e de Nacala, em Moçambique), comercializar os vastos insumos energéticos e minerais, sobretudo da Nigéria e da África do Sul, e harmonizar a visão sobre a necessária reforma do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Nesse sentido, iniciativas como o Corredor de Crescimento Ásia-África, criado em 2016, por Japão e Índia, bem como a estratégia marítima japonesa Indo-Pacífico Livre e Aberto (FOIP, em inglês), conjugam um pacote alternativo à forte presença da China no continente. Cabe à África, por fim, transformar oportunidades em benefícios reais à população, encontrando margem de manobra na projeção das potências externas e rejeitando a replicação de práticas neocoloniais.



Saiko - ameaça à economia e segurança alimentar de Gana

Beatriz Albuquerque

Gana, país banhado pelo Golfo da Guiné, enfrenta uma ameaça à sua economia e segurança alimentar. O *saiko* é a atividade de pesca ilegal na qual barcos de pesca de arrasto capturam peixes que os pescadores ganeses pescariam. Esses peixes, normalmente sardinhas, são revendidos a preços mais altos que o normal para os locais. A lei ganesa não permite que barcos estrangeiros

de pesca de arrasto industrial utilizem a bandeira nacional. Entretanto, segundo a *Environmental Justice Foundation* (EJF), mais de 90% desses barcos são de empresas chinesas, que utilizam empresas ganesas de fachada.

O *saiko* traz diversos problemas. O primeiro é o desemprego: os peixes são capturados exaustivamente, causando queda no estoque, deixando os pescadores »

ganeses sem o que pescar. Outro problema é a ameaça à segurança alimentar de Gana. Além de estoques mais baixos, que por si só prejudica a segurança alimentar do país, o preço elevado, por vezes, torna os peixes de difícil acesso para os consumidores, que os têm como parte importante de suas dietas. Peixes jovens também são capturados de forma predatória, colocando em risco a sobrevivência das espécies. Por fim, afeta a economia do país: os peixes deixam de ser vendidos por nacionais, gerando lucro para estrangeiros.

Segundo a EJF, em 2017, o *saiko* foi responsável pela pesca de mais de 100.000 toneladas de peixes, com valor de aproximadamente US\$ 50 milhões. A título de comparação, o relatório *Fishery and Aquaculture Statistics*, da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), informa que, em 2017,

a captura total de peixes, crustáceos e moluscos por Gana foi de 381.904 toneladas.

Conforme exposto, o *saiko* é empreendido por barcos ligados a empresas chinesas não apenas em Gana, mas também em outras regiões. Nos últimos anos, a frota pesqueira chinesa tem se envolvido em diversos casos de pesca ilegal, não declarada e não regulamentada. Houve episódios de navios com carga de pesca ilegal apreendidos e até mesmo afundados na América do Sul, notadamente no Equador e na Argentina. No caso de Gana, os efeitos da pesca ilegal são significativos, já que ameaçam a segurança alimentar do país e a sua economia. Essas práticas ocorrem no entorno estratégico do Brasil, que deve dar atenção à expansão desse tipo de ilícito marítimo

EUROPA

França lança o seu primeiro submarino nuclear de ataque da nova classe Barracuda

Thaïs Dedeo

No dia 12 de julho de 2019, o presidente francês, Emmanuel Macron, lançou o mais novo submarino nuclear batizado de *Suffren*, o primeiro de uma série de seis submarinos nucleares de ataque (SNA) da nova classe *Barracuda*, responsáveis por garantir o *status* de potência naval nuclear do país até 2060. O programa *Barracuda* é resultado de uma encomenda feita pela Marinha francesa ao *Naval Group* em 2006, com um custo estimado de € 9 bilhões. Outros três submarinos similares (*Duguay-Trouin*, *Tourville* e o *de Grasse*) serão lançados até 2025 e outros dois (*Casabianca* e *Rubis*) até 2029, substituindo seus seis predecessores da classe *Rubis* lançados nos anos de 1970. O SNA *Suffren* será entregue à Marinha francesa em 2020.

A nova classe SNA *Barracuda* receberá missões de coleta de informações, de guerra antissuperfície e antissubmarino, de gerenciamento de crises e de operações especiais. Poderá acomodar até 12 mergulhadores de combate por meio de um “mini submarino”, capacidade que somente os Estados Unidos e o Reino Unido possuem. Essa nova geração de submarinos será mais

silenciosa, terá mais capacidade de detecção de outros submarinos, capacidade de armazenar minas, mísseis de cruzeiro com alcance de cerca de 1.000 km, e também de lançar mísseis *SCALP* contra alvos terrestres estratégicos. Ademais, possui autonomia de 70 dias e necessita de manutenções de rotina somente uma vez ao ano, o que o torna operacional até 280 dias ao ano.

Assim, a renovação da flotilha de submarinos da França é um modo do país garantir não somente um *status* de superioridade naval, mas também a liberdade de navegação e de soberania. Segundo Macron, somente EUA, Rússia, França e China possuem tal autonomia, uma vez que os estadunidenses fornecem os mísseis balísticos dos britânicos. Porém, esta conjuntura está se ampliando e os investimentos franceses são uma resposta ao aumento de 6% de submarinos operacionais nos últimos cinco anos. Em outras palavras, a França planeja se manter como potência naval autônoma, com uma forte e vanguardista indústria naval, notável pelos contratos de encomendas de submarinos que conseguiu com países como Austrália, Holanda e Brasil.

Erdoğan encontra Putin para discutir a guerra na Síria

Dominique Marques

No dia 27 de agosto, o presidente turco, Recep Tayyip Erdoğan, visitou o presidente russo, Vladimir Putin, para discutir a situação em Idlib, na Síria. Desde abril, ambos os presidentes organizaram bombardeios à cidade, a fim de desmilitarizar grupos armados considerados hostis por Erdoğan, contrário a Bashar al-Assad. Apesar do apoio à Assad por Putin, a área de Idlib, que faz fronteira

com a Turquia, foi definida por ambos os presidentes, em setembro de 2018, como devendo ser desmilitarizada, dados os riscos à Turquia, caso esta região não fosse controlada. Vale ressaltar que conciliações já haviam sido definidas acerca de medidas a serem tomadas por ambos os presidentes em vista de outros interesses mútuos, tais como acordos energéticos, como o gasoduto *Turkstream*,»

inaugurado em 2018, com previsão de funcionar ainda neste ano, além do acordo de vendas do sistema de defesa antiaérea S-400 da Rússia e já entregues neste ano para a Turquia, [Boletim 99](#). Porém, neste ano, as forças sírias, apoiadas por Putin, ignoraram o cessar-fogo na região cercado postos militares turcos, fazendo necessária a reunião entre ambos. Putin apontou que não houve nenhuma violação do tratado e que teria sido satisfatória a eliminação do poder terrorista no local. Estima-se, ainda, que na reunião tenham sido discutidas questões como compra de novos armamentos.

O conflito na Síria se mostra como uma guerra muito mais de interesses externos do que algo em torno do modelo de Primavera Árabe, aparecendo, inclusive, como um conflito cada vez mais entre EUA e Irã, com a

presença de atores secundários como Rússia e Turquia. Apesar de a Síria não possuir consideráveis reservas de petróleo, o país faz parte do corredor regional de energia, apresentando-se como ator estratégico na região.

Paralelamente, considerando que o Irã é um importante ator em petróleo e gás, isto poderia desestabilizar o poder norte-americano na região, abalando sua parceria com a Arábia Saudita. Assim, uma maneira para a defesa de poder dos EUA teria sido o de desestabilizar a Síria, para impedir a união do eixo Rússia-Irã-Iraque-Síria.

O desenho de interesses e estratégias criou um conflito regional, instigando os interesses da Turquia, parceira russa dentro da OTAN, criando grande impasse, que se estendeu para outras áreas de cooperação entre Turquia e EUA, fomentando a aproximação russo-turca.

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

A fragmentação da coalizão saudita frente às disputas por Áden

Ana Luiza Colares

No dia 11 de agosto deste ano, a cidade de Áden, na qual encontrava-se a atual base governamental iemenita, foi tomada pelas forças do movimento separatista do sul do Iêmen, apoiadas pelos Emirados Árabes Unidos. Os EAU são um importante ator na guerra civil do Iêmen, sendo parte da coalizão liderada pela Arábia Saudita, inicialmente formada para combater as ações do grupo insurgente *houthi* ([Boletim 76](#)).

O ocorrido, porém, constatou o aumento do nível de tensão entre as duas forças: os sauditas, ao lado do presidente iemenita - exilado em Riad-, e os emirados, que apoiam o Conselho de Transição do Sul (STC, em inglês), instituição não reconhecida internacionalmente e de caráter secessionista. As recentes divergências entre as políticas de segurança e defesa da Arábia Saudita e dos EAU contribuem para uma fragmentação da coalizão. Uma consequência deste estremecimento das relações foi a recente decisão, pelos emirados, da suspensão de suas forças em locais estratégicos, traduzindo-se em menor apoio aos sauditas na guerra contra os *houthis*.

No Iêmen, os separatistas do sul apoiaram as forças pró-governo desde o início do conflito civil. Contudo, os interesses do grupo não foram considerados e seu esforço militar a favor das forças governamentais se tornou desvantajoso. O grupo busca independência e separação entre sul e norte, o que retornaria aos moldes anteriores à unificação, realizada no pós-Guerra Fria.

No último dia 28 de agosto, ocorreram ofensivas por parte do governo para a retomada de Áden. Contudo, no dia seguinte, as forças do STC recuperaram o controle da cidade com a ajuda de ataques aéreos dos EAU. O interesse dos emirados na questão separatista inclui a posição privilegiada que seus aliados do sul alcançariam

com o domínio sobre o porto de Áden e as Ilhas Socotra, pontos estratégicos de acesso ao tráfego marítimo.

Os territórios iemenitas continuam sendo palco de ataques e disputas, o que gerou uma das maiores crises humanitária atuais, totalizando mais de 70 mil mortos e 3,3 milhões de deslocados internos, refletindo o cenário de desastre econômico e social. Ressalta-se também a importância geográfica do país, com saída direta para o Estreito de Bab-el-Mandeb e o Mar Vermelho. Logo, o país não deixa de ser pauta em assuntos estratégicos de segurança e defesa, porém os esforços internacionais não são suficientes em face da problemática local.



Israel intensifica suas ações contra os aliados do Irã

Shakila Ahmad

No dia 25 de agosto de 2019, Israel intensificou ações contra o seu principal inimigo regional, o Irã. Uma série de ataques de aeronaves israelenses teve como alvo milícias xiitas e o Hezbollah, apoiada pela República Islâmica na Síria, Iraque e Líbano, intensificando seus esforços para reduzir a expansão da influência iraniana no Oriente Médio e alimentando o medo de uma escalada regional.

Nos últimos anos, Israel não conteve esforços para impedir o avanço da influência iraniana no Oriente Médio. Se, por um lado, Israel nunca interveio diretamente na guerra na Síria, por outro, seus aviões de combate bombardeiam regularmente as forças do Hezbollah e milícias xiitas que apoiam o presidente sírio, Bashar al-Assad, aliado ao Irã. Em interface, os ataques ao Iraque e ao Líbano foram vistos como um elemento preocupante, por poderem ser associados a uma declaração de guerra, o que justificaria uma resposta militar dos países envolvidos.

Esse cenário de tensões aparece em um momento

em que Israel terá eleições parlamentares, no dia 17 de setembro de 2019. Nesse sentido, o primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, procura estratégias para conquistar votos, dado o debate sobre a efetividade de seu governo cada vez mais em evidência, após os escândalos de corrupção. Além dos pontos abordados, outro fator existente é a campanha de pressão máxima dos Estados Unidos contra o Irã, após a decisão do presidente norte-americano Donald Trump de retirar-se unilateralmente do acordo nuclear assinado em 2015 entre o Irã e as potências mundiais (Reino Unido, Alemanha, França, China e Rússia), e a nova imposição de sanções à economia iraniana.

Os ataques em três países árabes, violando o espaço de soberania desses países, à luz de um silêncio do Ocidente, aumenta a preocupação de um possível conflito regional de maiores proporções. Ao examinar a retórica bélica, pode ocorrer um ataque de retaliação e escalar para um possível conflito, dados crescentes focos de instabilidades e insurgências regionais.

A importância estratégica do Canal de Suez

Alessandra Dantas Brito

No dia 09 de agosto de 2019, o MSC *Gulsun*, o maior navio porta-contêineres do mundo (23.756 TEU) transitou pelo Canal de Suez pela primeira vez. O navio com bandeira do Panamá e da classe *Megamax-24* navegou em direção ao norte da Europa Ocidental, a partir do porto de Tianjin, na China. O Almirante Mohab Mameesh, presidente da Zona Econômica do Canal de Suez, anunciou o trânsito bem-sucedido no “novo Canal”.

O MSC *Gulsun* é o primeiro de 11 navios irmãos que a linha de expedição tem em construção na *Samsung Heavy Industries* e DSME na Coreia do Sul. Os navios estão programados para operações entre o Extremo Oriente e o Noroeste da Europa, por meio do Canal de Suez.

O Canal de Suez é uma significativa rota de trânsito para as remessas de petróleo e gás natural líquido mundiais. Cerca de 12% do volume do comércio mundial passa pelo Canal, considerado a passagem de navegação mais importante e mais rápida que conecta África, Ásia e Europa, fazendo a ponte entre o Mar Vermelho e o Mar Mediterrâneo.

Inaugurado há quatro anos, o novo Canal de Suez é resultado do mais recente projeto de expansão da hidrovía para acomodar navios de maior porte. Em meio a dúvidas sobre a viabilidade do projeto, diante da incerta economia global e da instabilidade no Oriente Médio, no dia 2 de agosto foi possível o trânsito de 81 navios, o

maior número já registrado na história do canal.

A importância do novo canal não está relacionada apenas à facilitação da navegação, mas também, abriu caminho para a construção de outros projetos gigantes para o Egito, como os túneis que conectam três cidades do canal, Suez, Ismailia e Port Said, além da Península do Sinai. Assim, os investimentos egípcios no Canal de Suez mostram um cenário a ser seguido, trazendo uma nova perspectiva para a região e possivelmente uma esperança de estabilidade.



Os reflexos dos protestos em Moscou para o futuro da Rússia

José Gabriel Melo

No dia 8 de setembro de 2019, estão marcadas as eleições para a Assembleia Legislativa da cidade de Moscou, no entanto, desde o fim do mês de julho, estão ocorrendo protestos devido à proibição de algumas candidaturas de oposição por parte da administração local. Ao todo, a Rússia possui seis categorias de divisões federais, sendo as mais importantes as repúblicas, que possuem total autonomia, sendo representadas por Moscou na esfera internacional; os *oblasts*, equivalentes aos estados da Federação russa; e as cidades federais, que gozam de um elevado grau de autonomia devido ao seu peso político-econômico para o país, sendo elas Moscou, São Petersburgo e, recentemente, Sevastopol.

O primeiro grande alarme soou em 2011-12, na esteira da Primavera Árabe, com a suspeita de fraudes eleitorais nas eleições parlamentares que favoreceriam o Rússia Unida, partido do presidente. Protestos foram organizados com uso maciço das redes sociais e levaram milhares de pessoas às ruas, com uma agenda difusa que convergia em uma pauta: o sentimento de falta de representatividade, principalmente por parte da juventude que viveu na era Putin, e a insatisfação com os rumos que o país vinha tomando após sucessivas supressões

e violações de direitos políticos, queixa que ressoa nos protestos recentes. Segundo o último relatório da Anistia Internacional, a Rússia também enfrenta uma série de restrições quanto à liberdade de expressão, violações de direitos humanos e perseguições às minorias religiosas, figurando entre os menos democráticos. Esse problema se reflete na esfera *online*, em que, de acordo com o relatório *Freedom on the Net*, uma aferição que avalia o nível de liberdade *online*, a Rússia não tem uma internet livre, desde 2015.

No ano em que completa 20 anos no poder, o presidente Putin enfrenta o grande desafio de seguir governando com uma crescente onda de insatisfação interna e com pesadas sanções econômicas internacionais, que tornam a geração de empregos e o crescimento econômico desafios ainda maiores. Nesse contexto, além de ser a capital político-administrativa, Moscou se destaca por concentrar grande parte dos investimentos internos e externos, contando com diversos benefícios fiscais e uma robusta malha logística, concentrando os grandes conglomerados industriais russos e estrangeiros, tornando o apoio da Assembleia Municipal primordial para o Kremlin.

LESTE SIÁTICO

O aumento da capacidade de desembarque anfíbio da Marinha chinesa

Rodrigo Abreu

Lançado em 24 de julho de 2019, o novo Livro Branco chinês, reafirma o compromisso de preparar as Forças Armadas chinesas para operações de desembarque anfíbio. Nos últimos meses, imagens de satélite apontaram que o primeiro navio da nova geração de porta-helicópteros, classe *Type 075*, encontra-se em estágio avançado de construção, podendo ser lançado ainda neste ano. O programa de construção dos *Type 075* começou em 2017 e, até o momento, três embarcações foram planejadas.

Os novos porta-helicópteros *Type 075* representam um grande salto em relação aos atuais *Type 071* em uso. A nova classe pesará cerca de 30 mil toneladas e poderá carregar cerca de 30 helicópteros, enquanto que a classe atualmente em operação desloca 20 mil toneladas e tem capacidade para carregar apenas 04 helicópteros. Para compor a esquadra de desembarque anfíbio da Marinha do Exército de Libertação Popular (PLAN, sigla em inglês), os três *Type 075* irão se somar aos cinco *Type 071*, aos mais de 50 *Type 072* em operação — capazes de transportar e desembarcar tropas e veículos —, e cerca de 100 lanchas de desembarque.

Sob o comando do presidente Xi Jinping, a China

vem modernizando as Forças Armadas como um todo, incluindo o Corpo de Fuzileiros Navais ([Boletim 89](#)). A capacidade de desembarque anfíbio é um objetivo fundamental da Marinha chinesa, uma vez que seria a principal força empregada em uma eventual retomada de Taiwan, operação que Pequim já sinalizou que não relutará em executar, caso considere necessária. Ademais, o aumento da capacidade de assalto anfíbio chinês também permitirá à China projetar poder mais efetivamente e proteger seus interesses no Mar do Sul da China.

Uma das maiores problemáticas acerca da construção dos novos porta-helicópteros está no número de helicópteros atualmente à disposição da PLAN, que estará abaixo da demanda gerada pelos novos *Type 075*. Para utilizar a máxima capacidade dos três *Type 075* a serem lançados nos próximos anos, Pequim precisará investir na construção de dezenas de novos helicópteros, o que comprometerá uma parte considerável dos gastos com defesa. Entretanto, uma vez que os *Type 075* estejam operando em sua capacidade máxima, estima-se que a PLAN será capaz de executar com excelência um desembarque anfíbio em áreas disputadas.

Exercício militar sul-coreano nos Rochedos Liancourt

João Pedro Grilo

Nos dias 25 e 26 de agosto de 2019, a Coreia do Sul realizou o maior exercício militar da história nos Rochedos de Liancourt, também conhecidos como ilhas Dokdo, um grupo de pequenas ilhas situado no Mar do Leste, cuja soberania é disputada pelos sul-coreanos e japoneses desde 1952, após sua anexação pela Coreia do Sul. Dada sua magnitude, a operação foi batizada de “Exercício de Proteção do Território do Mar Leste”, em detrimento ao seu nome usual “Exercícios de Defesa de Dokdo”, buscando evidenciar seus ganhos políticos em comparação com as edições passadas.

O exercício envolveu a atuação conjunta das forças armadas, incluindo seus fuzileiros navais e a guarda costeira. Além da realização de manobras aéreas por um conjunto de dez caças F-15K, houve, pela primeira vez, a utilização do principal contratorpedeiro sul-coreano, o *Sejong*, contabilizando uma força militar duas vezes maior do que a utilizada no último exercício conjunto. A manobra suscitou protestos por parte do Ministério das Relações Exteriores do Japão que, mais uma vez, reiterou sua soberania sobre esse território.

Sua proporção em conjunto com o período em que foi realizado, três dias após a Coreia do Sul ter denunciado o tratado de compartilhamento de inteligência militar com o Japão, buscou demonstrar aos nipônicos a força e a determinação sul-coreana frente à crescente animosidade

entre ambos os Estados. Tal manobra, em consonância com o recém anunciado aumento nos gastos militares sul-coreanos a níveis recordes, reitera a busca por maior autonomia das forças armadas perante os norte-americanos, sendo também uma resposta às ameaças da Coreia do Norte, às recentes violações de seu espaço aéreo por caças russos e ao aumento dos gastos militares japoneses, evidenciando a criação de um dilema de segurança na região. No entanto, essas medidas devem ser bem calculadas pelos sul-coreanos, para que não prejudiquem a política de segurança norte-americana, dependente da cooperação entre seus dois parceiros mais importantes naquela região, sem que haja uma piora das relações bilaterais entre ambos.



SUL DA ÁSIA

Diálogos para paz no Afeganistão

Marina Corrêa

Entre os dias 22 e 28 de agosto de 2019, ocorreu a nona rodada de negociações para um acordo de paz entre os Estados Unidos (EUA) e o Talibã. Os debates aconteceram em Doha, capital do Catar, onde os negociadores Zalmay Khalilzad, representante especial dos EUA no Afeganistão, e Sher Mohammed Abbas Stanikzai, chefe do escritório do Talibã em Doha, saíram da mesa concordando com um cronograma de 14 a 24 meses para a retirada das tropas norte-americanas do Afeganistão.

Estas rodadas de diálogo vêm ocorrendo desde 2018 e um dos empecilhos à concreta resolução seria o fato de o Talibã vetar a voz do governo afegão no acordo. Isto porque, segundo o grupo político insurgente, desde 2001, com a ocupação de forças estrangeiras, Cabul não possui poder real, sendo chamado de “regime fantoche” pelos integrantes do grupo. Todavia, o atual representante dos EUA, em um de seus discursos, deixou claro que o acordo não tem como ser implementado sem o cessar-fogo permanente, sem a retirada das tropas norte-americanas à pedido do Talibã e sem a retomada das negociações intra-afegãs.

Apesar disso, o presidente afegão, Ashraf Ghani, demonstrou descontentamento com o rumo das negociações e sua exclusão, especialmente com a previsão das eleições presidenciais no país no dia 28 de setembro. Segundo algumas autoridades dos EUA, o acordo de paz deve ser finalizado antes dessa data, gerando a possibilidade de cancelamento das votações, uma vez que uma das propostas é criar um governo interino. Por outro lado, para o presidente é essencial que a eleição seja mantida, pois em sua visão, sem a presença de um governo legítimo e forte advindo de uma votação oficial, a paz digna não será alcançada.

Atualmente, os Estados Unidos mantêm 14 mil militares em território afegão. A redução inicial deste contingente para 8.600 soldados é o primeiro passo de um longo processo, uma vez que este ato pode abrir caminho para o diálogo direto entre o Talibã e o presidente Ashraf Ghani. Apesar da expectativa de resolução do conflito, não se sabe ao certo se o recente aumento de tensões entre a Índia e o Paquistão, envolvendo a Caxemira, pode impactar nesta retirada gradual das tropas, uma de suas principais promessas na campanha presidencial em 2016.

A Groenlândia e seu novo valor estratégico para a estratégia americana

Pedro Silva

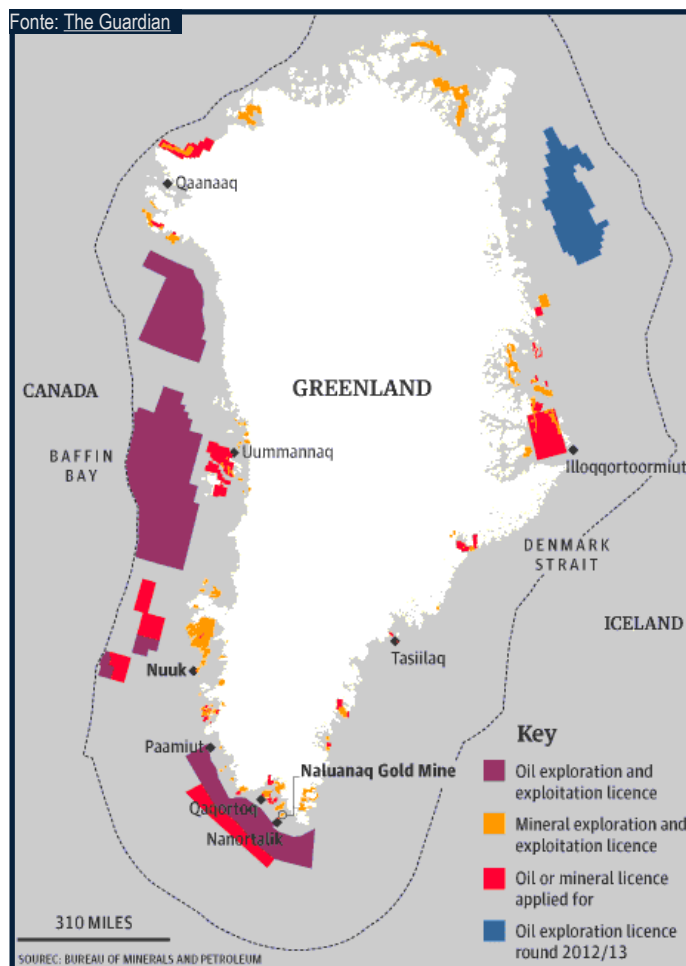
Em 16 de agosto de 2019, a imprensa noticiou o interesse do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, expressado diversas vezes junto a seus assessores, de comprar a Groenlândia. Diante das reações negativas de Nuuk (capital da Groenlândia) e Copenhagen, o presidente confirmou as especulações, chegando a cancelar uma visita à Dinamarca pela “inflexibilidade” do governo do país em discutir tal assunto.

Não é novidade que os EUA tentam comprar um território, nem é a primeira oferta feita pela Groenlândia. Durante a II Guerra Mundial, a condição da ilha de protetorado militar dos EUA aplacou o interesse na compra, mas a última oferta foi feita e recusada em 1946. Se, então, o interesse era pela posição estratégica da Groenlândia e possibilidades de defesa do Atlântico Norte, hoje novas dimensões estratégicas se impõem à região, renovando o interesse americano na aquisição ou no controle da região.

Com o degelo do Ártico e da própria Groenlândia, jazidas de recursos, antes inacessíveis, poderão ser exploradas com maior facilidade, além de a Groenlândia estar na saída Atlântica da Passagem Noroeste, que começa no Estreito de Bering e chega ao Atlântico

por meio da costa estadunidense e canadense. Caso os EUA viessem a controlar a ilha, estariam presentes em ambas as saídas da Passagem, o que representa grande vantagem estratégica e econômica, ainda mais frente às reivindicações territoriais do Canadá com relação à região. A maior ilha do mundo também embasa o pleito dinamarquês de extensão de sua zona econômica exclusiva até o Polo Norte, além de ser dotada de grande riqueza mineral e de hidrocarbonetos.

O avanço sobre a região busca limitar o avanço da influência chinesa sobre o Ártico. No ano passado, a China se aproximou da Groenlândia com projetos para a renovação da infraestrutura aeroportuária da ilha, cujo governo ainda mudou sua política de exploração de petróleo, tornando-a mais atrativa para empresas chinesas. Embora a relação seja incipiente, especialmente devido à influência de EUA e Dinamarca, resta evidente que a presença do capital chinês em um território tão importante para a defesa do Atlântico Norte certamente incomoda o poder norte-americano. Apesar dos acontecimentos recentes, o interesse na estratégica ilha da Groenlândia deve se manter e novos mecanismos de projeção e controle sobre a ilha devem acontecer.



- ▶ [20 Years of Vladimir Putin: How Russian Foreign Policy Has Changed](#)
THE MOSCOW TIMES, Dmitry Trenin
- ▶ [The Battle for Britain](#)
PROJECT SYNDICATE, Guy Verhofstadt
- ▶ [Beyond the Hype: The EU and the AI Global “Arms Race”](#)
CARNEGIE EUROPE, Raluca Csernatosi
- ▶ [The US, China and Japan: Grand Strategies](#)
GEOPOLITICAL FUTURES, George Friedman
- ▶ [EU Plans "Pilot Case" Maritime Security Mission for Gulf of Guinea](#)
THE MARITIME EXECUTIVE
- ▶ [Retorno a La Barbarie](#)
EL PAIS, Mario Vargas Llosa
- ▶ [Major Implications of Former FARC Leadership Returning to War](#)
INSIGHT CRIME, Juan Diego Posada
- ▶ [40-ship maneuver Northern Coasts starting in Denmark](#)
NAVAL TODAY

CALENDÁRIO GEOCORRENTE

SETEMBRO

- 04-06** Eastern Economic Forum, em Vladivostok
- 04-06** World Economic Forum, na Cidade do Cabo
- 05** Encontro entre Vladimir Putin e Li Keqiang
- 15** Eleições gerais em Moçambique
- 15** Eleições na Tunísia
- 17** Eleições em Israel
- 17** Encontro entre o primeiro-ministro da Rússia e o primeiro-ministro da China
- 17-30** Assembleia Geral da ONU

- **Águas calmas para a Marinha venezuelana no período pós-sanções**
[Canal do Panamá continuará autorizando navios vindos da Venezuela.](#) Reuters, 14 ago. 2019. Acesso em: 29 ago. 2019.
 GODOY, R. [Rússia manobra para instalar base na Venezuela.](#) Estadão, 17 ago. 2019. Acesso em: 29 ago. 2019.
- **EUA dá um passo em direção a sua Força Espacial**
[Trump marks establishment of U.S. Space Command.](#) CBS News, 29 ago. 2019. Acesso em: 30 ago. 2019.
 MEHTA, A. [SPACECOM is a go: Newest combatant command signed into existence.](#) Defense News, 29 ago. 2019. Acesso em: 30 ago. 2019.
- **O fortalecimento das relações entre Cuba e Rússia**
[Russian frigate arrives in Cuba under watchful eye of US Navy.](#) Russia Today, 24 jun. 2019. Acesso em: 29 ago. 2019.
[Russia's increasing influence in Cuba stirs ghost of Cold War.](#) France24, 4 mai. 2019. Acesso em: 29 ago. 2019.
- **Relação Japão-África: a sétima TICAD e a alternativa ao peso da China**
 BASU, T. [Thinking Africa: India, Japan and the Asia-Africa Growth Corridor.](#) The Diplomat, 03 jun. 2019. Acesso em: 30 ago. 2019.
 REIJI, Y. [TICAD closes with effort by Japan to differentiate its African investment projects from China's.](#) The Japan Times, 30 ago. 2019. Acesso em: 30 ago. 2019.
- **Saiko - ameaça à economia e segurança alimentar de Gana**
[Severe impact of illegal fishing by foreign trawlers in Ghana exposed by EJE.](#) Environmental Justice Foundation, 17 jun. 2019. Acesso em: 30 ago. 2019.
 TRENT, S. [The minister is right: for the sake of Ghana's people and its fisheries, saiko must stop.](#) Environmental Justice Foundation, 29 ago. 2019. Acesso em: 29 ago. 2019.
- **França lança o seu primeiro submarino nuclear de ataque da nova classe Barracuda**
[France launches Suffren new nuclear attack submarine of Barracuda class.](#) Navy Recognition, 10 jun. 2019. Acesso em: 17 ago. 2019.
 GROIZELEAU, V. [Suffren: gros plan sur le nouveau SNA français.](#) Mer et Marine, 19 jul. 2019. Acesso em: 17 ago. 2019.
- **Erdoğan encontra Putin para discutir a guerra na Síria**
[Turkey's Erdogan to visit Moscow after convoy targeted in Syria: Surprise meeting comes after the leaders agreed to 'activate mutual efforts' to ease situation in Idlib, says Kremlin.](#) Al Jazeera, 23 ago. 2019. Acesso em: 23 ago. 2019.
 ESCOBAR, P. [Síria: a guerra radical do Oleogasdutostão.](#) Oriente Mídia, 08 dez. 2015. Acesso em: 31 ago. 2019.
- **A fragmentação da coalizão saudita frente às disputas por Áden**
 SNYDER, X. [Ruptures in the Yemen Coalition.](#) Geopolitical Futures, 14 ago. 2019. Acesso em: 16 ago. 2019.
[Yemen conflict: Southern separatists seize control of Aden.](#) BBC News, 11 ago. 2019. Acesso em: 16 ago. 2019.
- **Israel intensifica suas ações contra os aliados do Irã**
 ALSAAFIN, L. [Middle East drone attacks: Is Israel banking on Iranian response?](#) Al Jazeera, 28 ago. 2019. Acesso em: 30 ago. 2019.
[Attacks on Iran-backed forces: What you need to know.](#) Al Jazeera, 26 ago. 2019. Acesso em: 30 ago. 2019.
- **A importância estratégica do Canal de Suez**
[World's Largest Container Ship Transits Suez Canal.](#) The Maritime Executive, 12 ago. 2019. Acesso em: 27 ago. 2019.
[The World's Largest Container Vessel Transits the Suez Canal for the First Time.](#) Suez Canal, 09 Ago. 2019. Acesso em 27 Ago. 2019.
- **Os reflexos dos protestos em Moscou para o futuro da Rússia**
 STANOVAYA, T. [Moscow Protests Are Good News for Opposition—and Siloviki.](#) Carnegie Moscow Center, 30 jul. 2019. Acesso em: 9 ago. 2019.
 PERRONE, A. [Moscow protests: Tens of thousands march after opposition candidates denied chance to run in elections.](#) The Independent, 21 jul. 2019. Acesso em 9 ago. 2019.
- **O aumento da capacidade de desembarque anfíbio da Marinha chinesa**
[How China Wants to Become an Amphibious Assault Power.](#) National Interest, 27 jul. 2019. Acesso em: 17 ago. 2019.
 VAVASSEUR, Xavier. [China: End Of The Type 071 LPD Program, Start Of The Type 075 LHD One?](#) Naval News, 05 ago. 2019. Acesso em: 05 ago. 2019.
- **Exercício militar sul-coreano nos Rochedos Liancourt**
 TSUKAMOTO, T. [An Outline of the Territorial Dispute over Takeshima.](#) The Japan Institute of International Affairs (JIIA), 2015.
 KEATING, J. [Dokdo of Takeshima? Japan and South Korea Reopen Territorial Row Ahead of Olympic Games.](#) The Diplomat, 03 fev. 2018. Acesso: 29 ago. 2019
- **Diálogos para paz no Afeganistão**
[U.S., Taliban Kick Off Ninth Round Of Afghan Peace Talks In Qatar.](#) Radio Free Europe/Radio Liberty, 22 ago. 2019. Acesso em: 29 ago. 2019.
 JOSHI, M. [While Kashmir is "Under Control", Trump isn't going to interfere.](#) The Quint, 28 ago. 2019. Acesso em: 29 ago. 2019.
- **A Groenlândia e seu novo valor estratégico para a estratégia americana**
 MILNE, R. [Greenland's cherished ambitions tied to its mineral bounty.](#) Financial Times, 30 ago. 2019. Acesso em: 30 ago. 2019.
 RESTUCCIA, A. [Trump Confirms Interest in Greenland.](#) The Wall Street Journal, 18 ago. 2019. Acesso em: 20 ago. 2019.

ESCOLA DE GUERRA NAVAL



Programa de Pós-Graduação em
ESTUDOS MARÍTIMOS

Doutorado e Mestrado Profissionais

Área de Concentração: Defesa, Governança e Segurança Marítimas

Linhas de Pesquisa

Política e Estratégia Marítimas

Regulação do Uso do Mar, Processo Decisório e Métodos Prospectivos

Política e Gestão em Ciência, Tecnologia e Inovação no Ambiente Marítimo

Processo Seletivo: Turma 2020

Inscrições de 12 de agosto a 27 de setembro de 2019

Curso Gratuito

Processo Seletivo para Cíveis e Militares



PPGEM

Programa de Pós-Graduação em Estudos Marítimos

Informações: www.marinha.mil.br/ppgem/
Av. Pasteur, 480 - Urca - Rio de Janeiro - Brasil
Tel: +55 (21) 2546-9325/9326